

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**

LUÍSA NÓBREGA DE MORAES

**MUSEOLOGIA, MUSEU, MUSEALIZAÇÃO:
Direcionamentos e questionamentos para uma episteme museológica.**

RECIFE
2019

LUÍSA NÓBREGA DE MORAES

MUSEOLOGIA, MUSEU, MUSEALIZAÇÃO:

Direcionamentos e questionamentos para uma episteme museológica.

Monografia apresentada ao Programa de Graduação do Departamento de Antropologia e Museologia – Curso de Museologia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia pela Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do professor Dr. Alexandro Silva de Jesus.

RECIFE
2019

LUÍSA NÓBREGA DE MORAES

MUSEOLOGIA, MUSEU, MUSEALIZAÇÃO:

Direcionamentos e questionamentos para uma episteme museológica.

Relatório final, apresentado a Universidade Federal de Pernambuco, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Alexandro Silva de Jesus

Aprovada em: 19/12/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandro Silva de Jesus (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof. Dr. Francisco Sá Barreto dos Santos
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof. Dr. Hugo Menezes Neto
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

AGRADECIMENTOS

Curiosamente (ou ironicamente), pelo receio de esquecer mencionar algumas ou alguns, escolho, sem menções, agradecer a todas e todos os envolvidos na construção dessas páginas, direta ou indiretamente, estejam cientes disso ou não.

Agradeço também ao tempo e aos acasos (ou confluências), que me trouxeram o amadurecimento necessário para não desistir da Museologia. Eu bem que pensei, até testei – e não foram poucas as vezes –, mas aqui estou. E ainda há muito mais pela frente. Na academia e na vida (e que elas convivam em harmonia).

Lembrar de esquecer
Esquecer de lembrar
Cansar de dormir
Dormir descansar
Sorrir de doer
Doer de sangrar
Sangrar de morrer
Morrer de lembrar
Lembrar de esquecer
Esquecer de lembrar

(Walter Franco, Revolver)

RESUMO

O seguinte trabalho busca, por meio de pesquisa exploratória e bibliográfica, refletir acerca da museologia enquanto área pertencente às humanidades, ou seja, dentro do campo museológico (teórico). Propõe, para tanto, analisar as definições do que é museu e o que é museologia, através do conceito de musealização, que se apresenta como conceito chave em direção à formação de uma episteme para uma teoria museológica. Teoria que mostra, atualmente, necessidade latente de maior consolidação, revelando a potência do campo e a urgência de fortalecê-lo epistemologicamente. A pesquisa, baseada nos conceitos mencionados, surge a partir dos questionamentos de Stránsky e parte para uma análise dos termos através do “Conceitos-chave de Museologia”, de Desvallées e Mairesse, passando também por Giorgio Agamben, Alexandro Silva de Jesus e Henry Pierre-Jeudy. Conclui-se, para tanto, que o fortalecimento epistêmico do campo deve reunir esforços na ampliação do conceito de musealização para além do museu-instituição, noção essa que virá aqui designada de “museu-ideia”.

Palavras-chave: teoria museológica; museu; museologia; musealização; patrimonialização.

ABSTRACT

The aim of this study is to analyse, through exploratory and bibliographical research, the museological field (museological theory), belonging to the realm of the humanities. Therefore, it proposes a review of the definitions of museology and museum, through the concept of musealization, which presents itself as an epistemological key to a museological theory. Theory that today urges stronger consolidation, thereby revealing the epistemological potential of the theoretical field of museological theory. The research, based on the previously mentioned concepts, begins with the questions brought by Stránsky during the 80's, along with an analysis of “Conceitos-chave de museologia”, by Desvallées & Mairesse, as well as Giorgio Agamben, Alexandro Silva de Jesus and Henry Pierre-Jeudy. It is concluded that the path to a theoretical consolidation of museology must be one that unite efforts in order to amplify the concept of musealization beyond the museum as an institution, which we will call “museum-idea”.

Keywords: museological theory; museum; museology; musealization.

SUMÁRIO

Entre Conceitos	9
Parte I	12
1.1 De <i>Brno</i> ao Brasil	12
1.2 Acerca dos conceitos	14
1.3 Museificação do mundo	15
1.4 Uma perspectiva nacional	17
1.5 Retorno a Stránsky	17
1.6 Surge um emaranhado de termos	18
Parte II	
2.1 A Museologia enquanto campo teórico	20
2.2 Museu, conceito em expansão	22
2.3 Acerca da musealização como objeto de estudo	24
Parte III	
Uma teoria possível	27
Referências Bibliográficas	30

ENTRE CONCEITOS

Mais do que nunca mostra-se necessária, para a museologia no Brasil, a formação de um conjunto de pensamentos acerca da teoria museológica que venha definir os entornos do objeto de estudo da museologia. Esse esforço visa fortalecer o campo museológico (teórico) da mesma, de uma área que, sintomaticamente, flutua entre diversas áreas, indo das humanidades à ciência da informação e afins, obedecendo a critérios classificatórios variados.

O intuito desse trabalho é, portanto, buscar entender os lugares de potência da museologia. Utilizaremos potência enquanto conceito que visa destacar a teoria museológica enquanto algo latente, que apresenta uma forma de energia ainda não atingida plenamente. Como na física, enquanto a medida da força que algo poderá atingir e na filosofia, acerca daquilo que não é, mas poderá vir a ser. Assim, busca-se o entendimento de uma museologia que mostra constantemente a necessidade de maior consistência teórica, apontando para a urgência da formação de um conjunto de pensamentos que fortaleçam-na filosófica e epistemologicamente.

Esse conjunto teórico, para além de classificações burocráticas de áreas de conhecimento, deve entender-se independentemente de tais categorizações. Defendemos que esse esforço de compreensão da museologia deva pesar para as humanidades. Como constata Foucault (2007, p.475), as ciências humanas não receberam historicamente uma herança delineada, tendo como missão analisar seu espaço. Endereça-se ao homem, suas formas de vida, que se fazem existir na produção de utensílios, organizações sociais e construções do simbólico, por meio de sua relação com o mundo, com o passado, com as coisas, com os outros.

Acreditamos ser esse o lugar em que a museologia se encontra hoje, afinal, “não resta dúvida de que a emergência histórica de cada uma das ciências humanas tenha ocorrido por ocasião de um problema, de uma exigência, de um obstáculo de ordem teórica ou prática” (*ibid*, p.476). Encontramo-nos, museologicamente, diante de um problema (o objeto) que precisa ser compreendido, diante de uma exigência (a área), que gera obstáculos de ordem

teórica e/ou prática para o campo.

Partimos, para tanto, do pressuposto de que a Museologia, enquanto campo teórico de pensamento, encontra-se, há muito, numa dispersão, demandando um consenso mínimo acerca de sua área, para possibilitar melhor construção de teorias museológicas que venham situá-la num lugar de maior entendimento a respeito de si, de suas possibilidades, limites e potencialidades. Escolhemos para esse esforço teórico analisar, através de pesquisa exploratória e bibliográfica, os três conceitos que apresentam-se como chave para a área: Museologia, Museu, Musealização. Para tanto, entendemos o conceito de musealização como algo que se apresenta enquanto termo chave e possível caminho em direção à formação de uma episteme para uma teoria museológica.

Partindo das provocações de Alexandro Silva de Jesus, que vem utilizar autores como Giorgio Agamben (2007) e Henry Pierre-Jeudy (2005) para pensar as questões museológicas, procuro por meio deste trabalho, ainda que sucintamente, explorar conceitos que tiveram destaque e causaram incômodos durante minha trajetória enquanto discente do bacharelado em Museologia da UFPE, fígada pelo campo da Teoria Museológica. São portanto os conceitos de Museu, Museologia e Musealização, que, para além de conceitos, apresentam-se enquanto ideias, as quais buscarei destrinchar ao longo das próximas páginas, por fim reunindo-as num só conceito, que chamarei *museu-ideia*.

De maneira pouco ortodoxa pela sua forma, este trabalho virá dividido em duas partes - Parte I e Parte II, com seus subtópicos. Na primeira parte encontra-se um apanhado geral dos autores escolhidos para a análise dos conceitos. Dos questionamentos de Stránsky, acerca do lugar da museologia – se ciência ou trabalho prático –, lançamo-nos à análise dos conceitos através do “Conceitos-chave de Museologia”, de Desvallées e Mairesse. Waldisa Rússio surge pela sua contribuição ao que pode ser considerada uma museologia brasileira e aponta, através do seu “fato museal”, pistas para a musealização enquanto termo central que defendemos.

Ainda na primeira parte, Giorgio Agamben nos introduz, na teoria da cultura, à sua

teoria do uso, e trazemos a museificação do mundo como problema chave aplicado à museologia, e, mais especificamente, à musealização. Em seguida Alexandro Silva de Jesus atesta mais uma vez, após Stránsky, a necessidade e a urgência em separar o campo museológico (teórico), do vício em relacioná-lo ao trabalho prático em museus, além de provocar o campo para a urgência de teorias museológicas, que, de preferência, perpassem por uma teoria sobre os objetos tornados documentos da cultura. E Henry-Pierre Jeudy, por fim, mas não menos importante, contribui, através da teoria da reflexividade do patrimônio, com a ideia de objeto narcísico e espelho da sociedade, para a análise do conceito de musealização.

Na segunda parte, iremos adentrar o universo dos conceitos, partindo da pergunta central: “O que a museologia estuda?”, que nos leva, através do museu, até a musealização. Defenderemos uma museologia que vem situar-se enquanto campo responsável por estudar a relação do homem com a memória no universo objetivo ou imaterial. O museu apresenta-se a seguir, extrapolando o contexto institucional no qual é habitualmente vinculado, e surgindo enquanto *museu-ideia*. Exploraremos para tanto o conceito de museu, desde sua função, ações, possibilidades, potencialidades, seguido pela musealização, termo que inicialmente bifurca-se entre patrimonialização e museificação, a serem também abordados. A museificação acaba por traduzir-se num sintoma da patrimonialização e musealização, caracterizado pelo congelamento, ou seja, a estagnação dos bens culturais e da vida que os rodeia.

Na parte final, que não caracteriza-se como conclusão, mas como o apontamento da possibilidade de uma continuação, trazemos os princípios do que pode vir a ser uma teoria museológica possível, através que trate da relação de afeto (daquilo que afeta) traduzida nos objetos, numa relação que penso através da tríade: afeto-memória-objeto. Portanto, apresentando a memória depositada no objeto enquanto dispositivo que tensiona-se entre lembrança e apagamento, lançamos a continuidade desse trabalho, que terá lugar em páginas porvir.

PARTE I

De *Brno* ao Brasil

Não trata-se mais do pensar/ questionar a museologia enquanto ciência ou trabalho prático. Em 1980, o museólogo tcheco Zbynek Zbyslav Stránsky, fundador do que pode ser chamada a Escola de pensamento de *Brno*, na República Tcheca, levanta essa questão acerca do lugar da museologia em seu ensaio “Sobre o tema Museologia - ciência ou apenas trabalho prático?” (2008)¹. Trata-se de um dos primeiros pensadores a provocar uma reflexão acerca do papel da museologia frente aos museus, mostrando que “uma das provas mais contundentes de que esta teoria ainda não chegou ao status de disciplina científica independente é o fato de que os resultados da produção teórica sobre museologia ainda não são aceitos amplamente como realizações da pesquisa científica” (Stránsky, 2008, p. 103).

Sua intenção era de fortalecer o pensamento científico da museologia, porém, fala do lugar de um pensador que vê essa necessidade da teoria museológica consolidar-se enquanto ciência voltada aos museus – o que não deve ser confundido com o trabalho prático ou com instruções à prática. O que ele defende é uma maior reflexão acerca dos museus, bem como do ensino da museologia nas universidades, como indica a seguir:

Existem departamentos de teoria museológica, ou melhor, de museologia em muitas universidades. O processo de ensino – conforme documentado pelas publicações de alguns desses programas – reside, na maioria dos casos, numa base teórica relativamente fraca; o ensino concentra-se na abordagem de experiências, em instruções práticas, no ensino de metodologias e técnicas. Todas essas coisas são importantes, mas neste nível a teoria museológica e a museologia não poderão tornar-se a contrapartida de outras disciplinas universitárias (Stránsky, 2008, p. 103).

Deparamo-nos, ainda hoje, com realidades similares no tocante ao ensino da museologia nas universidades do Brasil. O foco do ensino, na maioria delas, encontra-se na prática em museus. Além disso, há o que pode ser encarado como uma dispersão da área, quando os departamentos de museologia encontram-se alocados em diferentes centros nos campi universitários, podendo pertencer desde ao centro de Artes até ao de

¹ Texto de 1980, que vem a ser publicado no Brasil em 2008 e demonstra, assim, como a recorrência da necessidade de certos questionamentos significa uma urgência na obtenção/ construção de melhores definições teóricas.

Filosofia ou Ciências Aplicadas, não havendo consenso sobre o lugar que o ensino da museologia² deva ocupar.

Mas o foco, por ora – que pode, apenas por consequência, vir a clarear a questão da identidade do curso nas universidades –, é buscar entender melhor a contribuição de Stránsky para a teoria museológica, lembrando que seu intuito, então, era o de propor uma reflexão aprofundada da teoria. Não para a prática, mas para o fazer científico *nos museus*, o que continua sendo o estudo da prática, entendendo estudo e aprofundamento futuros do museu como um pensamento acerca da definição do trabalho no campo museal (prático), como nota-se adiante:

Muitos estudiosos confundem o sistema teórico com a estrutura funcional do museu. O sistema teórico, entretanto, não é mera classificação de conhecimentos adquiridos. Ele tem um papel mais importante: não apenas modelar a realidade a ser estudada, mas também, visto retrospectivamente, tornar-se um instrumento para o seu estudo e aprofundamento futuros. Entretanto, nossa teoria museológica ainda não atingiu esta dimensão (Stránsky, 2008, p. 105).

Atualmente, a necessidade amplia-se para além das paredes do museu e da reflexão teórica acerca do mesmo ou do fazer relativo ao campo museológico, ou seja, além da prática. É preciso pensar teoria museológica para fortalecimento do campo: política, acadêmica e socialmente. De 1980 a 2019, paira a questão que aponta caminhos cada vez mais claros – ou melhor dizer mais livres? – para se entender do que trata a museologia.

Qual é o seu objeto de estudo, afinal? A resposta a essa questão não pode restringir-se a um prédio ou às atividades no interior dele. Em seu texto “O objeto da Museologia” (2017)³, Stránsky, apesar de encaminhar-se para uma ciência que visa a prática, nos alerta e ressalta claramente o que esse objeto não é, mas mantendo-o, ainda, ligado à instituição museu.

O objeto da museologia não é e não pode ser o museu. O museu é uma

² Na Isced 2013, o conteúdo relativo à “Museologia”, abrangendo os processos relativos à museologia e documentação museológica, está contemplado na área detalhada 0322 Biblioteconomia, informação e estudos arquivísticos. Na Cine Brasil 2018, os cursos com esse conteúdo temático são classificados na área detalhada 0222 História e arqueologia, no rótulo 0222M01 Museologia. (INEP/ Cine Brasil 2018)

³ Texto que ganha tradução em 2017 no Brasil, para os anais comemorativos do ciclo de debates promovido pela Escola de Museologia da UNIRIO e pelo ICÓFOM, intitulado “Stránsky, uma ponte *Brno – Brasil*”, ocorrido em 2015, no Rio de Janeiro, visando a discussão do objeto de estudo da Museologia.

instituição que serve para alguma finalidade. O objeto da museologia deve ser procurado justamente no trabalho em museu, visto gnoseologicamente na contribuição científica deste mesmo trabalho em museu. E isso é precisamente o *reconhecimento do material (documento) primário*. Isto é, aquela tarefa do *trabalho sistemático e crítico de documentar, focalizado na seleção dos documentos primários – musealias*⁴ (Stránsky, 2017, p. 25; grifo do autor).

Sabemos, portanto, o que não é o objeto de estudo da museologia, mas é necessário ir além. Naturalmente, esse objeto também está presente no museu, afinal, trata-se de um dos principais locais de atuação na área, mas não o único. Encontra-se em muitas outras situações da cultura, podendo ser reconhecidas, também, enquanto “museu”. Essa ação do “tornar-se museu”, em outros aspectos da realidade museológica para além da instituição, será tratada adiante.

Acerca dos conceitos

Para uma primeira abordagem dos conceitos museológicos que este trabalho propõe (museu, museologia e musealização), o *Conceitos-chave de Museologia* (2013) apresenta-se como ponto de partida. Escrito por André Desvallés, museólogo francês, antigo assistente do considerado “pai da museologia francesa”, Georges Henry Rivière, com a colaboração de François Mairesse, museólogo belga, o livro trata-se de uma coletânea de termos museológicos, que não pretende ser um dicionário ou cânone da profissão, mas visa reunir palavras de uso comum da área – tendo como escopo principal, mais uma vez, sua aplicação no âmbito do museu enquanto instituição, aspecto que buscaremos questionar.

É traduzido do francês para o português em 2013 pelos museólogos da UNIRIO, Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury, que alegam, na introdução à versão em português, a preocupação de “que esta publicação fosse um referencial para ser usado criticamente, evitando-se meras repetições de termos que, como procuramos dizer, correspondem à visão de um outro contexto” (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2017, p. 26). Uma referência à origem francesa do dicionário, responsável por certas

⁴ Objeto de museu.

nuances e deslocamentos dos conceitos, tanto na tradução, quanto na aplicação dos mesmos à realidade brasileira. Propomos portanto utilizar o Conceitos-chave de Museologia como um guia, por tratar-se de um livro que se apresenta como base de muitas disciplinas de ensino da museologia.

Museificação do mundo

Acerca do potencial objeto de estudo da museologia, o filósofo italiano Giorgio Agamben, no ensaio “Elogio da Profanação” (2005), traz a ideia da museificação do mundo através da dualidade sagrado/profano – aquilo que é considerado sacro é subtraído do uso comum, enquanto o profano trata daquilo que é dado ao uso. Para ele, toda coisa que adentra a esfera do museu é sacralizada, transformada em objeto de museu, perdendo seu uso comum. A museificação, nesse caso, apresenta-se enquanto processo de sacralização – ação responsável por tornar o objeto intocável e, ao mesmo tempo, espetáculo. É a esse processo que iremos nos ater.

A escolha de Agamben e, mais especificamente do ensaio “Elogio da Profanação” (2005), em detrimento de outros autores que tratam do conceito de musealização, visa explorar a reflexão acerca da musealização do mundo baseada numa perspectiva da filosofia da cultura. Passando pela busca dos lugares de potência dessa museologia e mostrando a necessidade recorrente de mais esforços no pensamento teórico da área e da urgência na formação de um conjunto de teorias que fortaleçam-na filosófica e epistemologicamente.

Agamben (2005) nos direciona para uma ampliação do entendimento do conceito de museu enquanto algo que vai muito além das quatro paredes de uma instituição e seu conjunto de técnicas e modos de fazer.

A museificação do mundo é atualmente um dado de fato. Uma após outra, progressivamente, as potências espirituais que definiam a vida dos homens — a arte, a religião, a filosofia, a ideia de natureza, até mesmo a política — retiraram-se, uma a uma, docilmente, para o Museu. Museu não designa, nesse caso, um lugar ou um espaço físico determinado, mas a dimensão

separada para a qual se transfere o que há um tempo era percebido como verdadeiro e decisivo, e agora já não é. O Museu pode coincidir, nesse sentido, com uma cidade inteira (Évora, Veneza, declaradas por isso mesmo patrimônio da humanidade), com uma região (declarada parque ou oásis natural), e até mesmo com um grupo de indivíduos (enquanto representa uma forma de vida que desapareceu). De forma mais geral, tudo hoje pode tornar-se Museu, na medida em que esse termo indica simplesmente a exposição de uma impossibilidade de usar, de habitar, de fazer experiência (AGAMBEN, 2007, p. 65).

Portanto, todo objeto, relação humana, lugar, hoje, podem ser musealizados, consideradas certas proporções e limites naturais. É necessário, porém, ressaltar o uso que ele faz de um novo/velho termo, a museificação, em oposição à musealização. A seguir, Desvallés e Mairesse (2013) parecem explicar o conceito de Agamben situado na museologia, onde a museificação surge como um neologismo que “traduz a ideia pejorativa da 'petrificação' (ou mumificação) de um lugar vivo, que pode resultar de um processo e que encontramos em diversas críticas ligadas à ideia de 'musealização do mundo’” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013). É necessário destacarmos que Agamben vem falar de um sintoma de congelamento na cultura, não na museologia. A relação entre sua ideia de museificação do mundo atribuída à musealização, conceito da museologia, é uma associação que faremos aqui a partir das provocações de Alexandro Silva de Jesus (2020).

Museificação, musealização, museologia, museu. É possível trazer, ainda, dentro da discussão acerca da petrificação (ou congelamento) das coisas, o conceito de patrimonialização, que parece confundir-se com as ideias de musealização e museificação. Ressaltando que a museificação apresenta-se como um neologismo que já surge enquanto termo pejorativo, a ser melhor explorado adiante, e apresenta-se enquanto conceito que reflete bastante os problemas relacionados ao patrimônio.

A patrimonialização, por sua vez, por visar a conservação de um bem cultural, muitas vezes estagna o mesmo, impossibilitando suas mudanças naturais. Congela uma ideia e, por congelar, também perde o controle que se acreditava ter sobre ela, o controle da conservação diante do tempo.

Uma perspectiva nacional

No Brasil, Waldisa Rússio apresenta-se como autora que merece reconhecimento para o que a museologia brasileira é hoje. Sem sua contribuição para uma teoria nacional da museologia, não poderíamos avançar, ou mesmo suscitar algumas provocações, já que é extremamente necessário atualizar Waldisa. Mas deixemos as provocações para adiante.

A contribuição da autora vem tocar nosso conceito central, da musealização enquanto objeto de estudo da museologia, trazida por ela de forma sutil através da ideia do “fato museal” ou “fato museológico”, conceito que trata da “relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor – e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir” (GUARNIERI, 2010, p. 123).

Encaramos de forma um tanto diferente, onde, mais do que relacionar-se com o objeto, o homem é afetado e “atravessado” pelo mesmo, sendo essa relação a propulsora da ação da musealização. Importante ressaltar que a autora fala do fato museal, apontando caminhos ao que entendemos como musealização, mas não chega a nomear dessa forma, ou mesmo especificar, tratando, inclusive, o fato museal enquanto algo que está limitado à esfera do museu instituição, ideia da qual discordamos e buscaremos explicar adiante.

Retorno a Stránsky

Dialogando com o pensamento da cultura e musealização de Giorgio Agamben (2005), e também com Stránsky (2008), Alexandro Silva de Jesus, do curso de Museologia da Universidade Federal de Pernambuco, desenvolve estudos no campo da teoria museológica, contribuindo para as reflexões acerca do conceito de musealização e da museologia enquanto área de conhecimento pertencente às humanidades. Traz, principalmente, a necessidade e a urgência em separar o campo museológico (teórico),

do vício em relacioná-lo ao trabalho prático em museus.

Em seu ensaio “Sobre o tema Museologia: Onde ela estava entre 1980-1. Onde ela está agora?” (JESUS, 2020), contrapõe Stránsky e Waldisa Russio – museóloga brasileira responsável pela regulamentação da profissão no Brasil –, acerca da sua teoria do Fato Museal, em alusão ao Fato Social de Émile Durkheim⁵. Segundo Waldisa, “o objeto da museologia é o fato museal ou o fato museológico. O fato museológico é a relação profunda entre o homem, sujeito conhecedor, e o objeto, parte da realidade à qual o homem pertence igualmente e sobre a qual ele tem o poder de agir. Essa relação comporta diversos níveis de consciência e o homem pode apreender o objeto por meio dos seus sentidos: visão, audição, tato etc.” (GUARNIERI, 2010, p. 58).

A teoria de Waldisa foi uma das responsáveis pelo reconhecimento da profissão no Brasil, bem como pelo crescimento do ensino da museologia no país. A autora, porém, compreendendo, ao contrário do que buscamos propor, o estudo da museologia voltado somente ao trabalho prático em museus e ao ensino do mesmo, responde à pergunta de Stránsky (se a museologia trata-se de ciência ou trabalho prático) com a opinião de uma prática enquanto ciência.

O que pretendemos desenvolver aqui, partindo de Waldisa e Stránsky, mas ultrapassando a esfera do museu instituição, é a reflexão acerca de uma teoria ou de teorias museológicas, no plural, que reflitam o que é museu e o que é musealização, para que, assim, possamos apontar uma via epistemológica para a museologia, ou princípios dela.

Surge um emaranhado de termos

A partir da iniciativa de Alexandro Silva de Jesus em trazer à tona os

⁵ DURKHEIM, Emile. As regras do método sociológico. São Paulo: Ed. Nacional, 1968.

problemas do fato museal, hoje, e criticá-lo a partir da disposição *museo-lógica*⁶, trazemos a musealização enquanto conceito que se confunde com seu neologismo pejorativo, a museificação, analisando os mesmos ligados à noção de congelamento, que vem atribuída, também, à ideia da patrimonialização. A musealização encontra-se igualmente à sombra de uma estagnação dos bens materiais (ou mesmo dos imateriais), juntando-se a esse emaranhado de termos congelados no tempo, que são a museificação, a patrimonialização e a musealização.

Buscamos, por fim, apontar também princípios de caminhos para uma teoria museológica possível, refletindo para tanto acerca das ideias de Henry Pierre-Jeudy e seu pensamento sobre a reflexividade do patrimônio, que surge enquanto objeto narcísico e dispositivo de suporte contra o esquecimento no ser humano ocidental (2005). A musealização insere-se nesse contexto enquanto peça central para uma epistemologia do campo, junto à necessidade de pensá-la criticamente, diante das questões que suscita com relação à estagnação das coisas. Essas coisas tornadas objetos, esses objetos tornados documentos.

PARTE II

Foram introduzidos, até o momento, conceitos que orbitam o universo do campo teórico da museologia, os quais serão examinados adiante. Mais uma vez, nossa busca passa pela tentativa de compreender a museologia de acordo com as diversas áreas nas quais é contextualizada. Para além disso, buscando compreendê-la independentemente de classificações.

Alguns questionamentos apresentados, como o de Stránsky e Alexandro de Jesus,

⁶Conceito que experimenta, ainda, os contornos de sua definição, a *museo-lógica* constitui-se, de partida, em um aparato proteiforme (sendo o museu uma de suas formas mais conhecidas), que agrega diagramas e dispositivos (ou seja, mecanismos produtores de disposições físicas e subjetivas) de arquivo – e que se confundem, no mais das vezes, com aquilo que recebe a rubrica, entre nós, de bens culturais -, capazes, por força de seus efeitos estéticos, de, por um lado, reduzir a potência das coisas que lhe são entregues como objeto, e, por outro – mas deixando incidir, aqui, os efeitos da queda de potência -, de operar formas de integração social. Isso sugere que a teoria sobre a disposição *museo-lógica* se exerça como teoria negativa sobre a cultura, traço que já marcaria sua diferença em relação a um pensamento *museo-lógico* que se solidariza com seus objetos de análise (JESUS, 2017, p.155-172).

atestam a necessidade do estabelecimento de uma área. Estabelecimento este que parece estar latente, à procura de definições e também de mais espaço. Lembrando que a ideia de definição e estabelecimento de um campo pode e deve ser fluida, afinal, não buscamos uma teoria hermética e sim aquela que visa expandir os próprios horizontes, através de constante reflexão, questionando seus métodos, limites e possibilidades.

A seguir, ainda na direção do desemaranhamento proposto, abordaremos o conceito de museu, mais antigo que a própria museologia, e que encontra-se melhor estabelecido, já que costuma passar uma ideia mais ou menos clara de seu uso e significado quando pensado no senso comum: de um espaço determinado onde são expostas as coisas numa lógica narrativa, para salvaguarda da memória e apreciação da sociedade. No entanto, buscaremos colocar essas noções à prova, para apontar novos caminhos que ultrapassam as usuais concepções de museu.

A Museologia enquanto campo teórico

De acordo com Sránsky (1980), “a museologia tem a natureza de uma ciência social, proveniente das disciplinas científicas documentais e mnemônicas, e ela contribui à compreensão do homem no seio da sociedade”. Consideramos, a partir dessa alegação, que a museologia apresenta-se enquanto relação específica do homem com a realidade e, assim, diferencia-se das outras ciências humanas por tratar da relação do homem com a memória através dos *objetos*, materiais ou imateriais, bem como de uma salvaguarda desses objetos.

De acordo com Stránsky, a museologia não poderia voltar-se ao mero estudo dos museus enquanto instituição. Afinal, se pensarmos nessa lógica, olhando para outras áreas, surgirão algumas questões: a medicina por acaso estuda hospitais, sua limpeza e estrutura, seus cômodos e máquinas? E a pedagogia, estuda escolas? Será que o pedagogo atua somente na e no estudo das escolas, seu funcionamento, itens utilizados, sua manutenção? Como pode-se então afirmar que cabe à museologia o estudo dos museus?

Além das instituições, cidades-patrimônio, museus território, ecomuseus, arquivos, coleções, exposições e quase infinitos campos passíveis de análise e atuação, a museologia também pode encontrar espaço em ambientes menos óbvios. Ousaria dizer menos públicos, como, por exemplo, nos acervos domésticos, entendidos enquanto as coleções pessoais de um indivíduo ou indivíduos, de uma família ou outro formato de grupo, construídas ao longo de anos e de memórias vividas, das quais restam os fragmentos que podem ser encontrados subjetivamente nas coisas que passaram a carregar significados de memória.

Álbuns de família, roupas de entes que se foram, objetos de relacionamentos passados. Trata-se de vasto campo de estudo, sendo diversas as áreas que buscam pensar os afetos, pensando um sentido amplo do conceito, na sua capacidade de *afetar*, dentro das relações materiais, cabendo à museologia buscar refletir acerca do que poderíamos considerar uma segunda tríade, articulada como memória-afeto-objeto, buscando a memória e afeto nos objetos enquanto coleções, particulares, domésticas ou públicas. Afinal,

[...] qualquer via que a museologia venha percorrer deverá passar por uma teoria forte dos objetos. E forte quer dizer: que seja capaz de lhes devolver sua capacidade afetiva, de mostrar vários modos de o objeto trazer o homem sob sujeição (JESUS, 2020, p.4).

É portanto necessário adentrar o universo de pesquisa das relações de memória entre o ser humano e os objetos, buscando compreender os afetos que perpassam o universo objetivo, como essas coleções são formadas e como se comportam, quais questões elas suscitam, passando também pela dimensão subjetiva da salvaguarda, pensando ainda sobre o por que de salvaguardar.

Quanto aos tensionamentos que se preocupam em definir a museologia enquanto ciência e enquanto técnica, estes parecem, na verdade, tratar de uma inversão na ordem das ideias, dado que todo conhecimento técnico costuma derivar, principalmente tratando-se de uma ciência humana, de um princípio teórico – lembrando que a teoria em si é também uma forma de prática. Sendo assim, não há separação, são dois ou mais lados interdependentes. O trabalho prático surge como parte e consequência da reflexão teórica, numa resposta em forma de ação, que vai trabalhando junto à teoria, pensando as realidades existentes e possíveis espaços ou formas de atuação.

Museu, conceito em expansão

Museu. Palavra que no senso comum remete ao local onde se guardam, cuidam e exibem coisas antigas, dignas de lembrança. Lugar de memória. Segundo o dicionário⁷, do latim *museum*: local de estudo; instituição onde se expõem obras de arte e objetos de cunho científico ou histórico, coleção ou conjunto de coisas raras; miscelânea. Essa é a noção que se tem de museu tradicional, instituição que abriga objetos museais. Segundo o ICOM⁸,

o museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe, transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite (*apud* DESVALLÉS; MAIRESSE, 2017, p.63).

Ideia também trazida por Waldisa Rússio Guarnieri, autora que vem contribuir com a institucionalização da museologia no Brasil após a década de 70, trazendo as práticas de conservação, acondicionamento, exposição e disposição dos objetos como sendo o conjunto que forma a ciência do Museu, seu escopo. A autora defende o “fato museológico” ou “fato museal” como objeto da museologia, sendo caracterizador da relação profunda entre homem e objeto (RUSSIO, 1981, p. 58). Acrescentaremos, ainda que esse objeto poderá ser material, imaterial, móvel ou imóvel, constituindo o universo possível do museu-ideia. De volta a Waldisa, ela afirma, ainda, acerca do museu instituição: “A Museologia é a ciência do Museu e das suas relações com a sociedade; é, também, a ciência que estuda a relação entre o Homem e o Objeto, ou o Artefato, tendo o Museu como cenário desse relacionamento” (GUARNIERI, 2010, p. 78). Essa ideia potente da relação de troca museológica (musealização) é diminuída ao ser condicionada, pela autora, a acontecer no recinto do museu, como ressalta Alexandro Silva de Jesus:

De resto, esse reducionismo limita o conceito de troca museológica – que é de longe o melhor termo que sua trajetória pôde produzir — o que lhe impediu, tanto de enxergar seu espraiamento tentacular por sobre o campo social e práticas culturais, quanto de determinar, com a mínima precisão, o sentido do indissociável que se dá entre museu e musealização (JESUS, 2020, p.6).

Para nós, faz-se necessário questionar o que é o museu. Novamente, como disse Stránsky (2010), se a Medicina não estuda hospitais, então podemos, seguindo a mesma

⁷ Michaelis Online

⁸ International Council of Museums

lógica, afirmar que a Museologia não estuda Museus. Na busca de uma analogia etimologicamente mais coerente, tomemos o exemplo do Cinema enquanto campo de pensamento. O Cinema não estuda os cinemas. Ou seja, não se estudam as salas de exibição, mas os meios narrativos para realização de filmes. Pensar cinema é pensar o artístico, o sensível, o humano que passa pelo fazer cinematográfico. É uma questão do pensar poético, que naturalmente passa pela necessidade de conhecimentos específicos na realização dessa tarefa. Como na medicina, onde médicos devem aprender a forma exata de segurar um bisturi ou de fazer uma sutura, o que pode ocorrer fora do hospital, não estando a instituição acoplada à existência do campo (seja teórico ou prático, noções estas divididas por uma linha bastante tênue).

Dadas as diversas afirmações da museologia centralizada no estudo do museu, pensemos o museu enquanto ideia, algo como a subjetivação do que é museu, tomando para isso seu eixo central: as coisas e sua musealização. Tratemos então do que escolhemos chamar de *museu-ideia*.

Seguindo esse caminho, Agamben (2007) afirma que o Museu pode ser identificado em diversos espaços, incluindo uma cidade, região, parque natural, ou mesmo um grupo específico de indivíduos. E acrescenta, ainda, que tudo é passivo de *tornar-se museu*, já que o termo implica a impossibilidade de usar. O uso é associado por ele às dimensões de sagrado e profano, sendo assim, as coisas consideradas sacras são aquelas retiradas de uso. Sacro, dentro do contexto museal é a própria condição do ser museu – não se pensa um uso dos objetos musealizados, eles são apreciados, retirados de uso, não consumidos. As coisas transformadas em objetos de museu deixam de ser elas mesmas e transformam-se numa representação daquilo que antes foram.

Por sua vez, o oposto da sacralização, ainda segundo Agamben, seria a profanação, que entende-se a partir da ação de “abrir a possibilidade de uma forma especial de negligência, que ignora a separação, ou melhor, faz dela um uso particular” (*ibid*, p.59), quebrando assim uma das barreiras da sacralização. A museologia, porém, parece não ter encontrado ainda uma forma de não sacralizar, de “restituir ao uso” (uso este não

necessariamente comum) os bens antes transformados em objetos, despídos de vida. Nosso foco, no entanto, será em tratar do conceito de musealização. Para isso, é preciso retomar o *museu-ideia*, refletindo um pouco mais acerca do significado de museu que, “de modo mais amplo ainda, o museu pode ser apreendido como [...] um “fenômeno” (Scheiner, 2007), englobando as instituições, os lugares diversos ou os territórios, as experiências, ou mesmo os espaços imateriais.” (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2017, p. 65).

Museu fenômeno, geralmente é olhado como instituição, mas acreditamos que ainda assim, nos permite lê-lo enquanto ideia, diante das noções de espaço de compreensão e transmissão de conhecimento. Acreditamos que trate portanto do homem e seus afetos refletidos, ou direcionados às coisas materiais ou também por outras dimensões da realidade, como cheiros, sabores, sons. Tudo isso cabe no que aqui propomos chamar de *museu-ideia*. Ele pode, ainda, ser um espaço – não necessariamente físico –, já que, reafirmando, o *museu-ideia* encontra-se nas relações do homem com a realidade através das experiências de memória e afeto. Não anula ou vai de encontro à instituição, mas transborda esse espaço determinado por quatro paredes.

Reafirmamos, portanto, o entendimento do museu para além do espaço institucional enquanto *museu-ideia* como categoria de museu. Um conceito permeado pela relação homem-realidade, passivo de acontecer, por exemplo, nas coleções e/ou acervos diversos, particulares, públicos ou domésticos, onde afetos e objetos encontram-se na forma de documentos da memória.

A ação de colecionar, de conservar algo, a necessidade de compreender um dado objeto portador de lembranças consideradas dignas de serem guardadas, bem como a transmissão desses objetos por gerações, podem ser entendidos como uma das possibilidades do *museu-ideia*. É necessário, no entanto, transpor, para além do espaço, a *impossibilidade de usar*. Aqui, no entanto, iremos nos ater mais um pouco ao lado sacro dessa musealização.

Acerca da musealização como objeto de estudo

No sentido mais usual, musealização “designa o tornar-se museu ou, de maneira mais

geral, a transformação de um centro de vida” (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2017, p.56). De forma mais direta, diante dessa linha tradicional de pensamento, musealizar pode ser entendido como transformar uma coisa em objeto (de “museu”).

O *museu-ideia* que proponho tem como meio de ação a musealização, conceito que acaba por transpor o espaço de museu para configurar-se enquanto pertencente à teoria da cultura, ao envolver-se em práticas diversas de transformação do uso, como nas coleções, sejam elas particulares, domésticas, institucionais, bens públicos etc. Ressaltamos desde já o estudo dos objetos, coleções e afetos movidos por eles, como uma das teorias museológicas possíveis, para além de uma disciplina acadêmica, pensando possibilidades de usos cotidianos.

Antes, faz-se necessário esclarecer alguns pontos com relação ao emaranhamento desses três conceitos apresentados até aqui que, apesar de trazerem diferentes significados, confundem-se frequentemente em suas formas de existência e ação: musealização, museificação e patrimonialização.

A museificação pode ser considerada como sub-conceito da musealização. Segundo Agamben (2007), a museificação do mundo é uma ação capaz de mover as potências das coisas definidoras do ser humano (religião, arte, filosofia, natureza, política) passivamente para o museu (ideia expandida). Constitui um neologismo e enseja a petrificação, a estagnação de algo antes “vivo”. O objeto museificado passa a ser uma representação da realidade em que antes encontrava-se inserido, tornando-se evidência imaterial ou material do ser humano e de sua realidade sócio-cultural. Até aqui, musealização e museificação encontram-se num lugar conceitual bastante próximo, enquanto algo que, ao transformar-se em “museu”, para no tempo. O conceito de museificação, portanto, parece surgir enquanto sintoma do congelamento, atribuindo-o tanto à ação de musealizar quanto à de patrimonializar.

Afinal, não seria essa também a ideia trazida pela patrimonialização? Patrimônio é um termo cuja atribuição de valor surge durante a Revolução Francesa e, dentro dos percursos da história da humanidade, avança por todo o século XIX trazendo uma noção

“irremediavelmente ligada à noção de perda ou desaparecimento potencial [...] e, igualmente, à vontade de preservação dos bens.” (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2013, p. 73). A patrimonialização, por visar a conservação de um bem cultural, muitas vezes estagna o mesmo, impossibilitando suas mudanças naturais. No caso de uma cidade que vem a ser patrimônio, por exemplo, ocorre que, sintomaticamente, depois de um tempo não haverá mais ali a vida que a fez patrimônio. Seus moradores perderão a liberdade cotidiana de ir e vir, em meio a um turismo exploratório, e dificilmente conseguirão pagar os aluguéis, cada vez mais caros no centro histórico. Ao salvaguardar um conjunto arquitetônico, deixa-se de levar em conta as arquiteturas menores, os modos de fazer dos que ali vivem e todas as pequenas ações cotidianas que fazem uma cidade. Os *centros de vida* acabam por perder-se.

Diante disso, voltamos à musealização, deslocando esse objeto ao “museu-ideia” (não necessariamente instituição), retirando-o do uso e disponibilizando-o para apreciação, na intenção de mantê-lo apenas parcialmente vivo, ou seja, vivo enquanto vislumbre do que foi, sendo a partir daí transportado à função de mera imagem dele próprio e da sociedade a qual representa. São intenções tanto narcísicas quanto protetivas do ser humano, conduzido pelo medo do desaparecimento, o que leva-o à ação da busca pela conservação das coisas do mundo como forma de apaziguar a angústia do apagamento. Essa ideia atravessa os três conceitos aqui apresentados: estagnação, congelamento, impossibilidade do uso e da experiência.

Buscamos portanto outras possibilidades para esse *museu-ideia*, que exigem um esforço epistemológico coletivo, para uma reflexão teórica forte, diante de uma cultura da estagnação e da recusa em aceitar a mudança e o desaparecimento das coisas.

Tal caminho que pode passar por um pensamento acerca daquelas culturas que encaram de forma diferente a questão patrimonial. Por exemplo no Japão, onde, nas relações patrimoniais, ruínas são raras e não inspiram nostalgia (JEUDY, 2005), ou dos Yanomamis, que livram-se dos pertences dos entes mortos para evitar o pesar (KOPENAWA; ALBERT, 2015). São abordagens diferentes que no entanto dialogam. Uma, descolada da ideia de desaparecimento e de um patrimônio original, que deve ser mantido. A outra, atrelada ao

desaparecimento de forma diferente da ocidental, buscando o apagamento para evitar o pesar. Mas ambas constituem relações de afeto entre ser humano e as coisas, surgindo como espaços potenciais a serem explorados pela museologia, para além da lógica ocidental e colonizadora da posse, da manutenção dos bens, da sacralização.

Não estamos defendendo o fim do patrimônio ou da musealização, afinal, a memória é um suporte de referência à existência humana. Mesmo o imaterial necessita do material para que possa, na maioria das vezes, se manifestar. Defendemos a reflexão através do *museu-ideia*, que nada mais é do que o pensamento acerca das potencialidades da musealização em todas as esferas possíveis da cultura. É possível e necessário explorar essas outras formas de ver dentro da museologia, num caminho que pode dar-se através da teoria museológica aqui sugerida, buscando a compreensão das diferentes formas de afeto atribuídas a objetos. E que ela seja somente uma de muitas teorias museológicas porvir.

PARTE III

UMA TEORIA POSSÍVEL

A musealização apresenta-se, dentro de todo o contexto anteriormente trazido, de uma museologia responsável por pensar os objetos e seus afetos, como termo central para as teorias museológicas vindouras, associadas ao *museu-ideia*, como uma dimensão ou estado das coisas e não mais ao museu instituição. Este trabalho poderia muito bem tratar somente do conceito de musealização e trataria da questão museologia e da questão museu como consequência. A musealização está contida no conceito de *museu-ideia*. No final, a impressão que fica para nós, é que se trata justamente disso, um trabalho sobre o conceito de musealização, conceito que vemos como central para a museologia.

No mais, na prática, buscamos percorrer os principais conceitos que fazem o campo: museologia, museu, musealização – cujo percurso acaba por bifurcar-se (momentaneamente) na musealização, entre patrimonialização e museificação – no intuito de entender e mostrar o potencial de cada um, apontando outras possibilidades que poderão vir a ser desenvolvidas

posteriormente. Musealização, *museu-ideia* e os afetos que permeiam a teoria dos objetos são questões que necessitam e serão desenvolvidas a partir daqui, em escritos futuros.

A respeito dessas possibilidades, retomaremos brevemente a afirmação de Alexandro Silva de Jesus (2020, p.4), sobre a necessidade que as vias percorridas pela museologia têm de passar por uma forte teoria dos objetos, que traga o homem (afetado) à realidade, o que entendemos aqui como incitação para uma teoria viva. Sugerimos portanto que uma teoria dos afetos venha aliar-se à teoria dos objetos musealizados – entendidos enquanto coleções, de qualquer característica.

A partir daqui, poderemos refletir acerca da necessidade do esquecimento contraposta ao receio desse esquecimento (ou desaparecimento), questões que permeiam a necessidade humana de permanência, de deixar neste mundo um legado de suas existências. Surge então a necessidade de uma teoria que aborde a memória entre lembrança e apagamento e venha pensar as formas possíveis que o ser humano tem de *ser afetado*, ou, numa ênfase ainda maior, atravessado metaforicamente pelo objeto significante de algo ou alguém.

Afinal, a musealização visa assegurar contra o desaparecimento. Mas o que está prestes a desaparecer, senão o próprio ser humano, que tem de forma fugaz sua passagem no mundo? Os objetos surgem enquanto os significantes que nos fazem ser atravessados por nosso receio do desaparecimento.

Bastaria conservar tudo para que a mente se mantivesse tranquila? A conservação patrimonial se encarrega do depósito das lembranças e nos libera do peso das responsabilidades infligidas à memória. A profusão de locais de memória oferece uma garantia real contra o esquecimento. [...] O “dever de memória” que hoje nos é imposto instaura um estado culpabilizante estimulado pela necessidade moral da rememoração. (JEUDY, 2005, p. 15)

Jeudy vem falar da necessidade de conservar e lembrar traduzida na reflexividade do patrimônio, que apresenta-se enquanto objeto narcísico e dispositivo de suporte contra o esquecimento. A sociedade (e o indivíduo), pelo receio do esquecimento, se vê espelho de si mesma, decorrendo daí uma reduplicação museográfica do mundo. Buscamos tudo guardar. Dessa forma, um objeto descartado apresenta-se como a materialização do esquecimento.

Mas, como trazido anteriormente, nem todas as culturas lidam da mesma forma, como é o caso do Japão, onde templos são destruídos e reconstruídos em prol do saber fazer, sendo encarados como algo que pode ser refeito indefinidamente e, assim, as ruínas não inspiram nostalgia (JEUDY, 2005, p.61). Talvez inspirem até reconstrução, ousaria afirmar.

Movamos nossos olhares às outras culturas. Longe de querer cair num clichê, mas já correndo esse risco, é necessário também observar ao outro para entendermos a nós mesmos. Portanto, enquanto ocidentais, precisamos pensar uma teoria museológica que reflita acerca dos grupos não ocidentais, não enquanto o exótico, não sob o olhar do colonizador, mas como o outro que pode apresentar respostas para nossas questões. E acreditamos que essas respostas podem estar nas formas de se encarar objetos, musealizações, acervos e coleções.

Cabe a essa teoria museológica, portanto, a partir do sintoma, que entendemos como o do congelamento, investigar e buscar compreender melhor em quais outras formas possíveis a teoria dos afetos pode ser encontrada, deslocando um pouco a impossibilidade do uso para pensá-la através das possibilidades de uso. Estamos falando aqui em mover o foco da cultura ocidental para outras sociedades e assim quem sabe poderemos compreender e solucionar melhor algumas questões aqui apresentadas, através de outras visões de mundo.

Este trabalho espera portanto, através da musealização, abrir um caminho, entre vários possíveis, em direção a teorias museológicas possíveis. Esse caminho que se abre não poderia ser melhor expresso, do que pelas palavras e percepção de Davi Kopenawa:

“Em outra ocasião, levaram-me para visitar uma grande casa que os brancos chamam de museu. É um lugar onde guardam trancados os rastros ancestrais dos habitantes da floresta que se foram há muito tempo. Vi lá uma grande quantidade de cerâmicas, de cabaças e de cestos; muitos arcos, flechas, zarabatanas, bordunas e lanças [...] e uma profusão de adornos de penas e de miçangas. Esses bens, que imitam os dos xapiri, são mesmo muito antigos e os fantasmas dos que os possuíram estão presos neles. Pertenceram um dia a grandes xamãs que morreram há muito tempo. As imagens desses antepassados foram capturadas ao mesmo tempo que esses objetos foram roubados pelos brancos em suas

guerras. Por isso digo que são posses dos espíritos [...]. Trancando-os para expô-los ao olhar de todos, os brancos demonstram falta de respeito para com esses objetos que pertenciam a ancestrais mortos. [...] Quero olhar só coisas bonitas, não coisas da morte. Prefiro ver imagens do céu, do sol, das montanhas, da chuva, do dia e da noite – tudo o que não morre nunca. Os humanos somem muito depressa e, assim que seu sopro de vida é cortado, só inspiram tristeza e saudade (KOPENAWA; ALBERT, 2015).

O museu, afinal, não é tudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Elogio da Profanação**. In: Profanações. São Paulo: Boitempo, 2007.

DESVALLÉES, Andre; MAIRESSE, François. **Conceitos-Chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria do Estado de São Paulo, 2013.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. **A interdisciplinaridade em Museologia**. In: Bruno, Maria Cristina Oliveira (Org). Waldísia Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

JESUS, Alexandro Silva de. **Da disposição museo-lógica, Ensaio nº1: antropologia**. (No prelo).

_____. **Gilberto Freyre e a disposição museo-lógica**. In: Gleyce Kelly Heitor; Mário Chagas. (Org.). O pensamento museológico de Gilberto Freyre. 1ed. Recife: Massananga, 2017, v. 220, p. 155-172.

_____. Sobre o tema Museologia: Onde ela estava entre 1980-1. Onde ela está agora? In: **Anais do 4º SEBRAMUS: Seminário Brasileiro de Museologia**: democracia: desafios para a universidade e para a museologia. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, UNB, 2020.

JEUDY, Henry-Pierre. **Espelho das Cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras. 2015.

STRANSKY, Zbynek Zbyoslav. **O objeto da museologia.** Stránsky: uma ponte Brno-Brasil. Anais do III Ciclo de Debates da Escola de Museologia da UNIRIO. Rio de Janeiro, 2017.

_____. **Sobre o tema “Museologia - ciência ou apenas trabalho prático?”.** Museologia e Patrimônio. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 101-5, jul./ dez., 2008.